

5.

Considerações finais

O que existe na verdade é um ponto de reflexão importante. Eu acho que (...) se consolidou [um NEAB: o CEAA] que foi de certa forma a formação de **um outro pólo de identificação racial no Brasil**, representado por pesquisadores negros de uma nova geração. [Grifo nosso].

Osmundo Pinho, 2005.

Nossa intenção inicial neste trabalho era a de reconstruir a história da criação e a manutenção dos mais importantes núcleos de estudos afro-brasileiros - NEAB's - do Rio de Janeiro. Por ordem cronológica de aparecimento, estes núcleos são: o CEAA, da Universidade Cândido Mendes; o Núcleo da Cor, da UFRJ; o PROAFRO, da UERJ; o CEAB, da Universidade Cândido Mendes, e o NIREMA, da PUC-Rio. Nosso objetivo era o de conhecer qual a contribuição desses para a sociedade, no que diz respeito ao enfrentamento do Racismo no Brasil. Nossa hipótese era a de que os NEAB's contribuem para essa questão ao se constituírem como um sub-campo do conhecimento científico que trata da questão racial no Brasil.

O trabalho de campo, realizado entre 2005 e 2006, mostrou que no âmbito das universidades públicas do Rio de Janeiro os NEAB's apresentam uma fragilidade de estrutura institucional, o que ocasiona que o acesso aos seus bancos de informação e a sua documentação esteja muito centralizados nas mãos de poucos indivíduos, que por várias razões não puderam, ou preferiram evitar, informar sobre os mesmos. Além disso, as histórias desses núcleos estão por ser contadas, pois ainda não existem trabalhos sobre os mesmos que se comparem com os estudos realizados por Segura-Ramírez (2000), Nunes Pereira (1991) e Monteiro (1991) que, direta ou indiretamente, tratam da história do CEAA.

Sob esse aspecto,, reduzimos nossa idéia inicial de abrangência do estudo para os três NEAB's tratados neste trabalho, cujas reconstruções históricas obedeceram a dinâmicas distintas. É importante ressaltar que os três núcleos estudados pertencem, ou pertenceram, a instituições privadas da cidade do Rio de Janeiro e que contam, ou contaram, com financiamentos de agências de fomento, fundações ou representações

diplomáticas interessadas no tema das relações raciais no Brasil, sem que isto represente uma característica específica dos NEAB's das instituições privadas.

Posto que o CEAA já contasse com alguma literatura de relevância sobre os seus percursos históricos, nosso esforço foi o de recopilação e organização desses dados nos trabalhos acima citados para responder aos interesses desta pesquisa. Para reconstruir as histórias dos jovens CEAB e NIREMA, utilizamos um conjunto de seis entrevistas realizadas com importantes atores desses núcleos, tais como diretores e pesquisadores. Cabe ressaltar que muitos dos atores do CEAB foram também participantes do CEAA, em um período anterior a constituição do mesmo. Desta maneira, as suas entrevistas contêm também preciosas apreciações sobre o CEAA.

A partir da análise dessas entrevistas, chegamos à conclusão de que a contribuição dos NEAB's para o enfrentamento do Racismo no Brasil está apoiada sobre um sólido tripé: a produção de conhecimento científico crítico sobre relações raciais; a sua dimensão de espaço de articulação da academia com os movimentos sociais negros e a capacitação de pesquisadores negros.

Em primeiro lugar, acreditamos que os núcleos, enquanto um sub-campo de conhecimento científico, produzem um leque de conhecimentos sobre as relações raciais que contribuíram, e contribuem, para uma transformação na orientação teórica, política e metodológica do pensamento sobre as relações raciais, formando uma “escola” carioca, como sustenta Segura-Ramírez:

Quando falamos de uma “escola” carioca de relações raciais estamos no referindo a uma **tradição**, isto é, a uma orientação teórico-política e metodológica que possui uma memória formada por um *corpus* de conhecimentos teórico-metodológico e práticas de pesquisas que são transmitidos de geração em geração (Segura-Ramírez, 2000, 149).

Esta categoria de “escola” carioca de relações raciais, criada por Segura-Ramírez, refere-se aos trabalhos de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva em uma linha metodológica única e inovadora - seguindo os pressupostos dos trabalhos desenvolvidos inicialmente por Costa Pinto. Nós apropriamos da idéia de uma “escola” carioca para pensar o papel dos NEAB's, no sentido de que os núcleos, a partir das suas pesquisas e publicações, produziram e produzem conhecimento científico crítico de forma coletiva e interdisciplinar, que pauta os estudos das relações raciais e que é transmitido de geração em geração. É possível assumir que pesquisadores como Joselina da Silva, Osmundo Pinho e

Rosana Heringer, membros ativos do CEAB, constituam exemplos brilhantes do que Segura-Ramírez chamaria de uma “escola” carioca de relações raciais. Neste sentido, o papel de centro produtor de conhecimento científico crítico sobre relações raciais a que nos referimos que o CEAA e, mais tarde, o CEAB desempenharam, estaria claramente visibilizado. Ou seja, na medida em que se constrói um conhecimento crítico sobre relações raciais, invariavelmente estão construídas ferramentas conceituais para o enfrentamento do Racismo.

Em segundo lugar, podemos perceber que os NEAB’s, como espaços de articulação da academia com os movimentos sociais negros, começam por se constituírem como um locus de discussão sobre relações raciais no interior das universidades. Exemplo disso foi a importância da constituição do NIREMA na PUC-Rio, onde já circulavam mais de 400 estudantes afrodescendentes, sem que houvesse mecanismos ou estruturas institucionais para dar suporte a mudança na composição do corpo discente e suas decorrentes novas demandas. Como nos lembrou Rosana Henriger:

Eu acho que [os NEAB’s] têm vários papéis importantes. Um é trazer a temática para o debate dentro da universidade. Você fica lá cutucando, lembrando, fazendo evento, tentando articular com os alunos. Fazer o papel de trazer o tema a público e não deixar as pessoas se acomodarem e não pensarem na discriminação (Dra. Rosana Heringer, diretora e pesquisadora do CEAB. Entrevista, 2006).

Além disso, com o intuito de promover discussões sobre a população negra e sua posição na sociedade, os NEAB’s acabam sendo também um locus de interação com outras formas de movimentos sociais negros, em que a perspectiva negra tem valores próprios: tradições religiosas, estéticas, culturais e políticas, entre outras.

O outro é o papel de extensão, de trabalho junto com as organizações, junto com os movimentos sociais, junto com o movimento negro... (Dra. Rosana Heringer, diretora e pesquisadora do CEAB. Entrevista, 2006).

Uma evidência desse aspecto, no que tange a academia, pode ser encontrada no estabelecimento da parceria entre o NIREMA e o IPEAFRO para a preservação do acervo documental de Adbias do Nascimento, que já permite o aparecimento dos primeiros estudos sobre História e Cultura afrodescendente no Brasil, uma das linhas de pesquisa do NIREMA.

Adicionalmente, ao longo do nosso trabalho pudemos perceber que essa articulação com as militâncias sociais negras cariocas existiu desde a criação do primeiro núcleo aqui estudado: o CEAA. Ela permaneceu viva tanto no CEAB, quanto no NIREMA, naturalmente com mecanismos e interlocuções diferenciadas, caracterizando assim o que chamamos de “fluxos e refluxos” do diálogo entre academia e militância.

Apesar do serviço prestado pelo CEAA à comunidade negra, como foi apontado por Nunes Pereira (1991), as relações entre a militância negra e a universidade não foram isentas de tensões, como discutimos no capítulo três a partir do trabalho de Monteiro (1991). Nessa medida, a chegada do professor Hasenbalg à diretoria do CEAA correspondeu a um novo momento da articulação academia/militância, quando o núcleo passou a enfatizar a qualidade da produção acadêmica em detrimento da importância de lócus de articulação política universidade/movimento social negro.

Já no caso do NIREMA este diálogo academia/militância se construiu principalmente a partir do estabelecimento de pesquisas sobre ações afirmativas. Posto que o núcleo se constituísse em 2003, quando o tema das ações afirmativas ganhou centralidade nas agendas políticas dos movimentos sociais negros, o NIREMA consolidou a sua linha de pesquisa: “Direitos e Cidadania Afrodescendente” com uma grande pesquisa sobre esta temática. Dela participa uma equipe formada na maioria por estudantes provenientes dos pré-vestibulares comunitários e populares em rede (PVNC, Educafro e outros), beneficiários das ações afirmativas da PUC-Rio, que hoje atuam como instituições do movimento social negro organizado. Da mesma maneira, a linha de pesquisa intitulada “História e Cultura Afrodescendente” realiza atividades ligadas à reflexão sobre a implementação da lei 10.639, o que demonstra a articulação entre os NEAB's e as agendas políticas dos movimentos sociais negros.

Por último, como já dissemos antes, os núcleos são espaços de inclusão, articulação e capacitação de novas e renovadoras gerações de pesquisadores negros. Na reconstrução da história do Centro de Estudos Afro-asiático - CEAA ficou clara a importância do núcleo para o ressurgimento do movimento negro da década de setenta. No interior do CEAA foram capacitados intelectuais negros que hoje são reconhecidas lideranças no ambiente político e cultural brasileiro (Monteiro, 1991). Portanto o CEAA teve um papel fundamental no florescer dessa nova “elite negra” (Monteiro, 1991), aglutinando em torno

de si várias lideranças que posteriormente iriam construir seus próprios espaços, como são os casos da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) (Nunes Pereira, 1991, 122). Quem sabe seja a essa “elite negra” que o professor Osmundo Pinho se refere quando nos fala de “pesquisadores negros de uma nova geração” (Osmundo Pinho, Entrevista, 2005), ele mesmo um pesquisador negro, egresso do CEAA, e atualmente professor do Departamento de Antropologia da UNICAMP.

O tripé sobre o qual os NEAB’s apóiam para contribuir para o enfrentamento do Racismo no Brasil, qual seja: a produção de conhecimento científico crítico sobre relações raciais; a sua dimensão de espaço de articulação da academia com os movimentos sociais negros e a capacitação de pesquisadores negros são a nossa resposta para a questão central deste trabalho.

E voltando ao tema do Racismo, faço minhas as reflexões de Frankenberg (2004), ao reconhecer a “transição da inconsciência de minha branquidade e meu enredamento no racismo para um despertar para ambos”. A luta anti-racista é dinâmica e pontuada por “fluxos e refluxos” e nesse contexto os NEAB’s não podem se permitir não vigiar, pois haverá sempre muitos temores e a necessidade de muitos outros despertares.